



Maria Esther Bueno nas páginas do jornal “O Estado de São Paulo”

Giovanna Garcia Ticianelli¹

Resumo

Maria Esther Bueno é uma importante tenista brasileira e internacional, venceu os maiores e mais reconhecidos torneios de tênis do mundo. A tenista inseriu-se no esporte em uma época em que a participação das mulheres já era permitida, mas menos frequente e diversificada se comparada ao período atual. O objetivo dessa pesquisa foi analisar os processos que possibilitaram à Maria Esther Bueno tornar-se uma grande atleta em uma época de baixa inserção das mulheres no esporte competitivo no Brasil. Foram realizadas análises do jornal “O Estado de São Paulo” no período entre 1950 e 1959. Foi possível concluir que a partir das suas transgressões no padrão de jogo e na constituição da sua carreira em um ambiente competitivo, ela foi considerada uma grande vencedora e um exemplo para o Brasil.

Palavras-chave: Gênero. Tênis. Atleta.

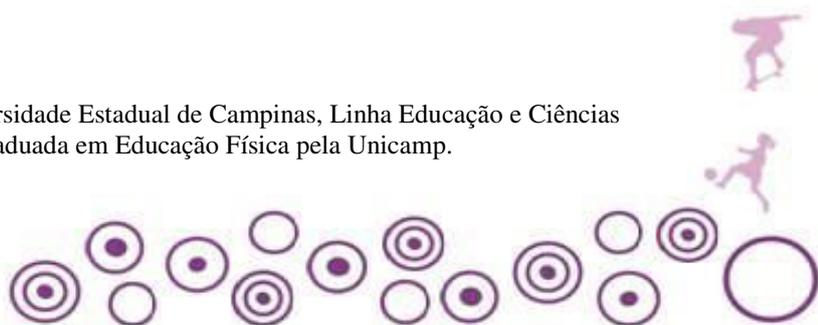
O objetivo desse trabalho é demonstrar quais elementos foram constituindo a carreira da tenista Maria Esther Bueno entre os anos de 1952 e 1959 através das publicações no jornal “O Estado de São Paulo”. Este foi escolhido por ter auxiliado financeiramente a tenista para que ela pudesse realizar suas temporadas no exterior.

1952 foi o primeiro ano que houve incidências da tenista no jornal e 1959 foi o ano em que ela venceu pela primeira vez a categoria simples de dois *Grand Slams* – Wimbledon e Forest Hill.

Com esse recorte, foi possível observar os elementos presentes no começo da carreira da tenista até ela alcançar as três principais vitórias internacionais (1958 e 1959). A partir de 1959, ela tornou-se a melhor tenista amadora e venceu os maiores torneios do mundo.

Os jornais foram coletados do acervo digital do jornal “O Estado de São Paulo” através do filtro “frase exata” com o nome completo da tenista, Maria Esther Bueno. Foram lidas 458 matérias. 1958 e 1959 foram os anos com maior quantidade de notícias, demonstrando sua maior aparição na mídia após o início da sua carreira internacional.

¹ Mestranda da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Linha Educação e Ciências Sociais, projeto com financiamento FAPESP. Graduada em Educação Física pela Unicamp. gi_ticianelli@yahoo.com.br.





As matérias descreviam as datas, os participantes do campeonato, alguns jogos ponto a ponto e até mesmo previa os vencedores. O tênis feminino possuía espaço e muitas vezes as partidas entre as mulheres eram consideradas “partida prometedora” (08/09/54)², “uma das melhores do certame” (10/07/55) e “uma excelente exibição”. Maria Esther foi ganhando espaço até ser considerada uma das “grandes figuras do tênis brasileiro...e não somente do nosso, mas também do tênis sul-americano (31/07/55)”.

Esses comentários presentes nos jornais demonstraram que os jogos femininos possuíam destaque nos campeonatos e havia incentivo para que as tenistas brasileiras alavancassem suas carreiras e conseguissem destaque internacional.

A partir desses campeonatos promovidos no Brasil, Maria Esther Bueno, foi conquistando espaço no ambiente competitivo do tênis. O fator principal para alavancar sua carreira foi a vitória no torneio internacional promovido pela Sociedade Harmonia de Tênis em São Paulo, ela não era considerada favorita pela presença de tenistas estrangeiras, mas sagrou-se campeã de simples e duplas mistas.

Com sua sequência de vitórias, no fim de 1956 foi convidada para participar de uma das maiores competições juvenil norte-americana, o *Orange Bowl Junior Championship*. Além dela, Carlos Fernandes, segundo o jornal “a maior esperança do momento para o tênis brasileiro” (09/12/56), também recebeu o convite. O jornal informou que ele recebeu apoio de esportistas de São Paulo que arcaram com as despesas da viagem para que pudesse participar. Também informou que a FPT³ tinha a intenção de patrocinar a viagem dos dois, porém não era possível e esperava que Maria Esther conseguisse participar.

O apoio do jornal à tenista foi expresso na publicação de uma notícia em 1957 relatando a visita da atleta, acompanhada do pai e do irmão, para agradecer o apoio concedido pelo jornal a uma excursão ao exterior. Os campeonatos que ela jogou foram através de convites, não eram abertos, o que realça ainda mais seus êxitos, pois suas adversárias eram selecionadas entre as melhores tenistas do momento. A partir dessa matéria, foi possível identificar que ela jogou os torneios através de convites da organização, estes vieram pelos resultados que ela vinha alcançando em nível nacional e sul americano e que houve o auxílio do jornal para que ela pudesse realizar essa viagem. Não foram dados detalhes dessa ajuda, apenas citada.

² Essas datas são correspondentes ao dia em que foram publicadas as expressões, frases e/ou parágrafos no jornal “O Estado de São Paulo”.

³ Federação Paulista de Tênis.





O destaque das tenistas nas notícias dos campeonatos nacionais demonstrou que o tênis era uma modalidade em que a presença das mulheres em um ambiente competitivo e de realce era permitida no Brasil. Alguns exemplos foram: a nota sobre o Campeonato Aberto Nacional de Tênis, promovido pelo E. C. Pinheiros, em que “as atrações do torneio” (18/08/57) esperadas eram Cecy Carvalho, Ingrid Metzner, Maria Esther Bueno e Amelia Cury, apenas mulheres foram citadas; a referência do jogo entre Maria Esther Bueno e Ingrid Metzner como “um dos melhores jogos do certame” (22/09/57) e “dos encontros de hoje o mais importante será travado entre Maria Esther Bueno e Ingrid Metzner” (26/09/57) do Campeonato de tênis do Estado de S. Paulo.

1957 foi o auge da sua carreira no Brasil e a transição da sua participação em torneios nacionais para internacionais. O auxílio financeiro que o jornal oferecia era o que era publicado como fonte de verba para ela realizar suas excursões para o exterior. Ela passou a receber mais convites para os torneios e jogou duplas com a norte-americana Darlene Hard, esta já possuía reconhecimento nos grandes campeonatos.

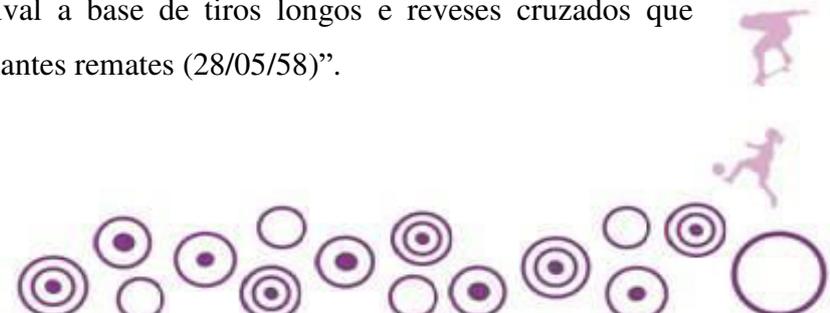
1958 foi o primeiro ano em que os campeonatos internacionais prevaleceram. Ela iniciou o ano sendo considerada uma promessa pelo jornal:

Merece especial menção a notável atuação da jovem tenista de SP, Maria Esther Bueno, em certames efetuados nos Estados Unidos e na Venezuela. Sob o patrocínio deste jornal, a exímia tenista está efetuando a sua atual excursão, que compreendeu, primeiro, uma série de jogos em torneios norte-americanos. A jovem tenista fez figura de belo realce na maioria deles. Embora competindo com raquetistas de classe, obteve várias vitórias e segundos lugares, colocando-se em posição de relevo ao lado de grandes valores internacionais. Agora, na Venezuela, continua a brilhar. Como se vê, as duas últimas excursões de Maria Esther Bueno acusam magníficos resultados e é muito possível que, por intermédio dela, o tênis feminino possa, em breve, fazer bonita figura em Wimbledon (27/03/58).

Esse destaque também foi publicado do “Daily Express” e do “Daile Telegraph”:

Esta brasileira de 18 anos, procedente de São Paulo, é excelente e afirmo que será uma futura campeã de Wimbledon” e “O bom serviço, por si só não faz com que uma jogadora seja completa, mas tenho a certeza de que Esther Bueno é a jogadora de rebatida mais forte já vista nos campeonatos femininos, desde os dias de Alice Marbie” (19/05/58).

O que passou a ser destaque foi não só as suas vitórias, mas o seu jogo ofensivo. Eles eram realçados com expressões como: “A jovem brasileira que somente tem 17 anos, atuou com a violência de um homem, exibindo um saque formidável e poderosos ‘drives’ e ‘smaches’ (27/05/58) e “Com um serviço de potência incrível em uma mulher, a senhorita Maria Esther Bueno dominou a sua rival a base de tiros longos e reveses cruzados que geralmente culminavam com impressionantes remates (28/05/58)”.





Esse estilo de jogo foi muito divulgado e, em entrevistas, a tenista o justificou por seus treinos contínuos e extenuantes com o seu irmão Pedro Bueno e com Armando Vieira. Além de dizer que é um estilo que vinha sendo empregado nos EUA e na Austrália, apenas na Europa mantinha-se o sistema de jogo defensivo. Segundo o jornal:

Desde os tempos remotos estabeleceu-se que a mulher sendo mais frágil deveria adaptar-se melhor ao método defensivo. Tendo por companheiro, quando treinava aqui no Brasil, seu irmão Pedro Bueno, Maria Esther adquiriu um saque violentíssimo, causando admiração nos principais centros do mundo (06/07/58).

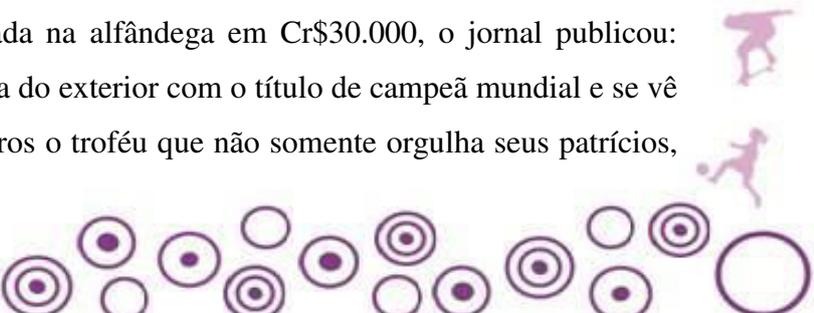
Por outro lado, também se falava do “nervosismo” da atleta, que ocasionaria algumas derrotas. Se em um primeiro momento tal sentimento era aceito, justificado pelo início da carreira, posteriormente, após sua consolidação como atleta, era considerado uma perda de controle emocional. Há de se questionar se tal interpretação não estaria relacionada à ideia de um desequilíbrio emocional das mulheres.

Sua eficiência esportiva no cenário internacional foi exaltada em 1958, quando venceu o Torneio Internacional de Roma e surpreendentemente as duplas femininas em Wimbledon. Surpreendente, pois foi a primeira vez que ela participou desse torneio- campeonato mundial de tênis- e porque ele é jogado em quadra de grama, material inexistente no Brasil.

Essas vitórias geraram repercussões na sua volta ao Brasil, ela recebeu homenagens, deu entrevistas, recebeu prêmios e foi exaltado o patrocínio do jornal à sua trajetória. Porém, em uma das entrevistas ela relatou sua rotina de viagens extensa, disse que muitas vezes chegava poucas horas antes de entrar em quadra e tinha que cuidar da sua bagagem, papéis, passaporte, hospedagem, etc. Enquanto que suas adversárias já dispunham de empresários e técnicos para resolver esses pormenores, sendo amadoras também.

Essa descrição nos permite observar como foi a sua rotina como uma atleta pioneira na modalidade no Brasil. Mesmo tendo o apoio do jornal, que considerando o contexto do momento, era algo inovador para uma mulher em um ambiente esportivo competitivo, a tenista não o considerava suficiente. Ao participar de torneios internacionais ela passou a ter como referência o apoio de países mais desenvolvidos economicamente e em relação aos esportes, o que causou descontentamento em relação ao oferecido pelo Brasil. Não significa ausência de apoio, mas diferentes referenciais.

Ela retornou para descansar e cuidar de uma lesão no ombro que quase a impossibilitou de participar do torneio de Wimbledon. O último fator de destaque desse ano foi sua taça de Wimbledon que foi taxada na alfândega em Cr\$30.000, o jornal publicou: “Nossa maior representante do tênis chega do exterior com o título de campeã mundial e se vê impossibilitada de apresentar aos brasileiros o troféu que não somente orgulha seus patrícios,





mas a todos os sul-americanos” (08/10/58), isso só foi resolvido com a interferência do presidente Juscelino Kubitschek.

Em 1959 ela venceu os dois maiores torneios de tênis do mundo. Sua temporada foi longa no exterior, a ponto dela ter que fazer voltas estratégicas ao Brasil, pois o Conselho Nacional de Desportos determinava que atletas amadores não poderiam ausentar-se do país por um período maior do que 150 dias.

Ela conseguiu dois documentos importantes do Brasil para essas viagens, uma autorização para dirigir nos Estados Unidos e um passaporte diplomático que facilitava suas viagens, válido por seis meses. Esses documentos foram dados por autoridades políticas.

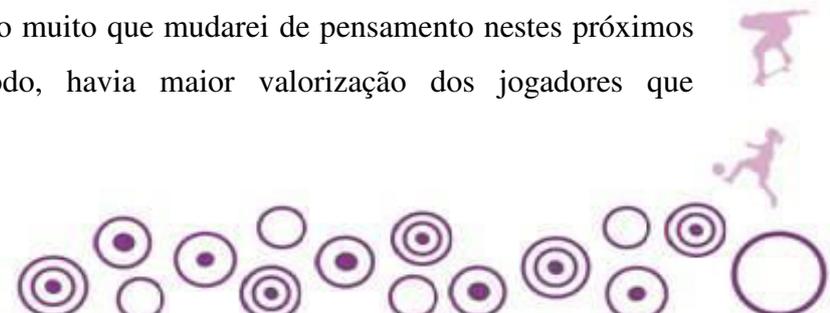
Esses documentos e a influência do presidente do Brasil no caso da taxa da taça demonstram o início do reconhecimento do esporte em âmbito político, podendo Maria Esther Bueno ter sido uma das pioneiras na aquisição desse espaço.

O seu retorno após vencer Wimbledon foi marcado com grandes homenagens. Ao chegar ao Rio de Janeiro foi com o helicóptero presencial ao Palácio das Laranjeiras, convidada pelo presidente. Recebeu objetos de ouro e de bronze de diversas entidades (medalhas, placas, miniaturas de troféus). Homenagens através de telegramas de autoridades, uma delas foi de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos enfatizando sua vitória sobre os mundiais conquistados pelo futebol e pelo basquete pela situação mais precária que encontrava-se:

A vitória de Maria Esther Bueno num certo sobreleva em importância os triunfos de âmbito mundial dos campeões de futebol e de bola ao cesto. Os futebolistas e os jogadores de bola ao cesto seguiram para o estrangeiro compondo delegações com assistência técnica de várias ordens e completa organização em todos os sentidos. Maria Esther Bueno, ao contrário partiu sozinha, sozinha teve de organizar todos os seus passos, seu treinamento, sua vida diária. A jovem de 19 anos que partiu de São Paulo cheia de esperanças, transformou em motivos de força o que lhe faltava em infra-estrutura organizatória. Assim valorizando uma vitória já em si de grande magnitude. Estherzinha, em síntese, completou, com seu próprio esforço, aquilo que estava fora do alcance do pequeno grupo de patrocinadores de sua viagem, entre os quais, orgulhosamente se inscreve o jornal “O Estado de S. Paulo” (07/07/59).

As homenagens não foram só brasileiras, o *The New York Times* publicou: “A srta Esther Bueno é uma nova estrela no firmamento do tênis e, como tal, damos a ela calorosa boas-vindas” (05/07/59).

Sua visibilidade fez com que a tenista fosse visada pelo setor profissional da modalidade. Porém, Maria Esther se pronunciou negando sua entrada nesse circuito: “Eu permanecerei entre os amadores. Duvido muito que mudarei de pensamento nestes próximos cinco anos” (13/09/59). Nesse período, havia maior valorização dos jogadores que





participavam dos torneios amadores, o profissionalismo estava começando a ser implementado.

Assim como no ano anterior, a sobrecarga dos jogos fez com que a tenista se lesionasse no fim do ano e voltasse ao Brasil tendo que recuperar-se de uma lesão nas costas antes de pensar na próxima temporada. Porém, foi um ano de grandes conquistas e que se encerrou com o “Daily Telegraph” a elegendo como a tenista número um do ranking mundial de tênis.

A partir desse panorama podemos concluir que havia torneios nacionais de tênis bem estruturados e que concomitante a alguns sul americanos proporcionaram a visibilidade internacional necessária para que a tenista recebesse convites de campeonatos maiores e mais reconhecidos.

A presença das mulheres nesse contexto competitivo no Brasil era valorizada nas matérias, seus jogos eram divulgados, assistidos e reconhecidos muitas vezes como os melhores do campeonato. O que vai contra as recomendações do momento para elas em relação à prática de exercícios físicos. Estes eram incentivados como momentos de lazer e a concepção de formarem-se como donas de casa ainda sobressaía-se (Pinsky, 2014).

A tenista fez grandes rupturas na estrutura de feminilidade, uma vez que praticava um esporte de maneira competitiva, viajava para os campeonatos internacionais sozinha e principalmente pelo seu estilo de jogo ofensivo, que comumente era comparado à força dos homens.

Ela possuía incentivo financeiro de um jornal de grande circulação. Segundo ela, não era o apoio suficiente e esperado que ela recebia do Brasil. Mas era algo inovador para uma mulher no período.

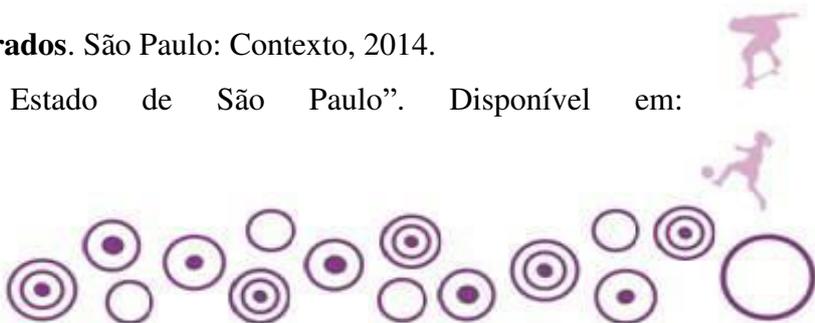
Mesmo com essas transgressões, era retratada como um orgulho para o país. Suas incongruências com a feminilidade não a constituiu como abjeta, segundo o conceito de Butler (2015). Podemos supor que suas conquistas mundiais sobressaíram-se aos padrões estabelecidos às mulheres e permitiram que ela fosse considerada uma referência.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismos e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

PINSKY, C. B. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

Acervo digital do jornal “O Estado de São Paulo”. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

